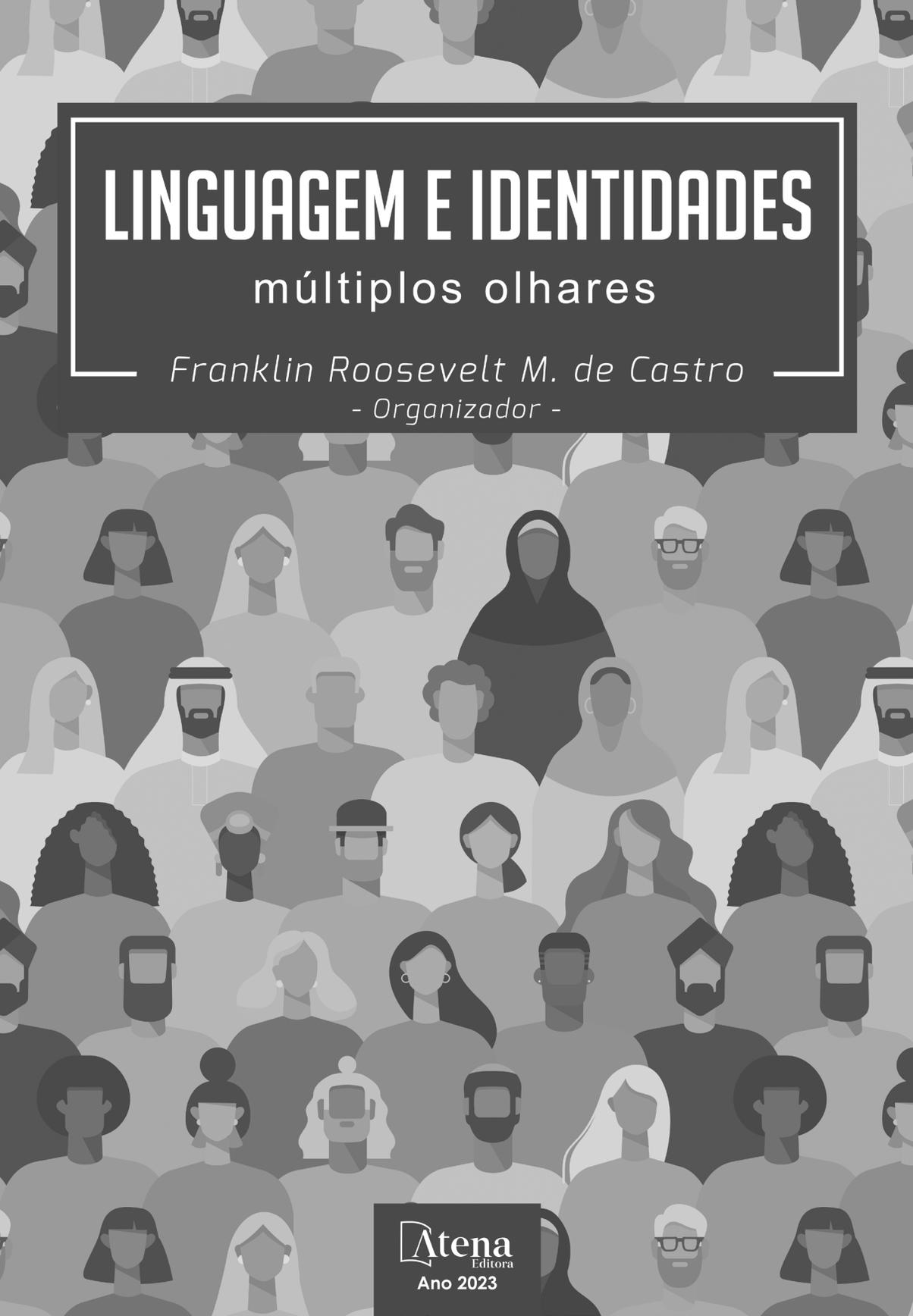


# LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

*Franklin Roosevelt M. de Castro*  
- Organizador -

**Atena**  
Editora  
Ano 2023



# LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

*Franklin Roosevelt M. de Castro*

*- Organizador -*

**Atena**  
Editora  
Ano 2023

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Linguagem e identidades: múltiplos olhares

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Franklin Roosevelt Martins de Castro

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguagem e identidades: múltiplos olhares / Organizador  
Franklin Roosevelt Martins de Castro. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0910-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.106233101>

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Identidade. 4.  
Linguagem. I. Castro, Franklin Roosevelt Martins de  
(Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

As identidades são complexas e dinâmicas em um mundo globalizado e marcado pela diversidade cultural, política e social. Este livro busca oferecer aos leitores uma visão ampla da intrincada relação entre linguagem e identidade. Como nossas práticas de linguagem constituem e são constituídas pelas nossas identidades?

Da Literatura, às atividades escolares; do nosso modo de falar ao modo como nos percebemos, o livro “Linguagem e identidades – múltiplos olhares” reúne sete textos que ao estilo de uma sinfonia, expressa um tom e um instrumento de olhar e escuta. Os capítulos podem ser lidos individualmente sem afetar a visão geral, ou podem seguir uma sequência. Há quatro capítulos dedicados a refletir a respeito das identidades linguísticas seja por uma visão sociofonética descrita por Beatriz Freire, ou por Emerson Brandão e Franklin Castro ao interpretarem a autopercepção da fala de moradores da cidade de Parintins – AM. Na esteira das línguas indígenas, Marlon Azevedo nos expõe a visão etnolinguística sobre o povo Sateré-Mawé, localizado do Baixo Amazonas, e o quanto a preservação das línguas originárias são um patrimônio imaterial incalculável. Luiz de Carvalho se debruça sobre as práticas linguísticas nas escolas, e modo como elas constituem papéis sociais e promovem identidades autônomas aos cidadãos de múltiplos letramentos.

Quando se trata da Literatura e a construção de identidades, deparamo-nos com o capítulo de Sahmaroni Rodrigues que se pergunta sobre a escritura de autor e os diversos fios discursivos que se amalgamam em sua subjetividade autoral. Joiciany Sarmento, em sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Letras ergue o volume das vozes do feminismo, com destaque às escritoras negras, em especial Carolina de Jesus. Quem são estas mulheres? Qual é o seu lugar de fala? Estas perguntas norteiam o texto das autoras. Por fim, Delma Sicsú e Danglei Castro nos presenteiam com uma reflexão sobre o tema da morte na Literatura Indígena de Yaguarê Yamã. Não há mais espaço para uma academia que silencia mulheres pretas e escritores indígenas. O texto dos autores é uma visibilização das vozes das florestas e de toda a sua riqueza cultural, cosmológica e científica. O que deixamos de aprender com os povos do Brasil?

Desejamos que estes textos cheguem a todos os leitores e pesquisadores ávidos por novas maneiras de existência, pautadas no Amor, no Respeito, e na Diversidade.

Franklin Roosevelt Martins de Castro  
Parintins, 08 de novembro de 2022

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO	
Beatriz Funayama Alvarenga Freire	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331011">https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331011</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA PARINTINENSE	
Emerson Lopes Brandão	
Franklin Roosevelt Martins de Castro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331012">https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331012</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
LÍNGUA E LINGUAGEM DO POVO INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ NO MÉDIO AMAZONAS	
Marlon Jorge Silva de Azevedo	
Andrew Ira Nevins	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331013">https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331013</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MINERVINA REIS FERREIRA, PARINTINS/AM.	
Luis Alberto Mendes de Carvalho	
Tatiana Oliveira Pereira	
Claudenilza Bezerra de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331014">https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331014</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>60</b>
“NÃO SOU ESCRITORA, EU ESCREVO”: LITERATURAS SUBTERRÂNEAS, TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS	
Sahmaroni Rodrigues de Olinda	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331015">https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331015</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>75</b>
A REPRESENTAÇÃO E AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO	
Joiciany Melo Sarmiento	
Delma Pacheco Sicsú	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331016">https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331016</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>90</b>
O EFEITO ESTÉTICO DA MORTE EM QUATRO NARRATIVAS DA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE	
Delma Pacheco Sicsú	
Danglei de Castro Pereira	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331017>

**SOBRE OS AUTORES ..... 109**

# A REPRESENTAÇÃO E AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO

---

*Data de aceite: 26/12/2022*

### **Joicyany Melo Sarmiento**

Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas- Uea.  
E-mail: melojoicy18@gmail.com

### **Delma Pacheco Sicsú**

Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas no curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins.  
Mestra em Letras e Artes.  
E-mail: dsicsu@uea.edu.br.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo nasceu de questionamentos de uma acadêmica que ao olhar para pessoas negras, as desprezava como se elas fossem diferentes, pois seu olhar era consequência dos estereótipos aprendidos na sociedade que diz que o bonito é ser branco. No entanto, com o decorrer do tempo, a acadêmica adquiriu conhecimento e aprendeu que o seu olhar de desprezo, chama-se racismo. A luta contra esse sentimento impregnado desde a infância, inicia ao adentrar-se em uma faculdade em

que se participou de um projeto de extensão chamado Astronomia Cultural, cujo desafio foi falar sobre as mulheres negras. Diante disso, começou-se a pesquisa sobre os questionamentos e dúvidas sobre aquele sentimento menosprezador. Um mundo novo é descoberto e o desprezo por pessoas negras impregnado em seu olhar através da sociedade foi colocado à prova através da leitura do livro *O Pequeno Manual Antirracista* de Djamilia Ribeiro (2019) em que, segundo a autora, todos nós somos racistas pelo fato do racismo ser estrutural, porém a prática antirracista se concretiza através das atitudes e deve-se aprender a combatê-las, pois o antirracismo é uma luta de todos e todas.

Junto ao tema do racismo há outro também que precisa ser constantemente falado: a mulher. Falar sobre a mulher é uma luta desafiadora, pois nunca se sabe como a sociedade irá aceitar o que é dito por ela e sobre ela. É preciso ter resistência e coragem para enfrentar esse mundo

machista que vem silenciando a história e a voz da mulher. Diante de todos os fatos históricos e do silenciamento de suas vozes, principalmente das mulheres negras, ocorre o apagamento da figura feminina negra na literatura, pois a mulher branca sofre por ser mulher, mas a mulher negra sofre duas vezes, uma por ser mulher e outra por ser negra.

Por sua representatividade, Carolina Maria de Jesus é uma voz que jamais deve ser calada. Por isso, através desse artigo será discutido sobre essa voz que influenciou e pode influenciar mais ainda outras mulheres a não desistirem de lutar e a terem orgulho de sua cor. Ela foi uma mulher independente, à frente do seu tempo que trabalhava catando lixo para garantir seu sustento e de seus três filhos; lutava todos os dias contra fome e contra o sistema opressor. Quando sentia fome e não tinha o que comer, escrevia. É importante ressaltar seu interesse pela escrita, pois ela sempre foi apaixonada pela literatura.

Destaca-se que esse artigo científico não é apenas uma pesquisa abordando uma escritora que foi excluída e silenciada por sua condição social e por sua cor, pois a produção de Carolina Maria de Jesus são dados, são histórias; é “escrevivência” como diz a autora Conceição Evaristo. O presente artigo tem como objetivo analisar a representação e autorrepresentação da mulher negra na obra *Quarto de despejo* (2001) a fim de mostrar a importância da literatura de mulheres negras para os estudos literários e para a sociedade. O estudo em questão mostra a representatividade de Maria Carolina nesse contexto social e como o feminismo negro é presente em sua obra, pois provoca a reflexão sobre a importância da figura feminina negra obter seu lugar de fala na literatura e na sociedade.

Para a fundamentação teórica deste estudo buscou-se autoras, ativistas, filósofas e feministas que lutaram e continuam lutando por sua voz em meio ao mundo machista e racista. No decorrer do artigo aborda-se sobre Djamilia Ribeiro, mestre em Filosofia Política, escritora que mostra a importância do lugar de fala da mulher para romper o silêncio do subalterno e toda hierarquia criada que não dá voz para os oprimidos. Também se alicerça em Bell Hooks, uma intelectual negra que defende através do livro *O feminismo é para todo o mundo* (2020) que todos têm que lutar em busca da igualdade de gênero, pois as políticas femininas é o único caminho para a libertação de ser quem somos.

Outra autora abordada é Angela Davis, uma intelectual e feminista estadunidense, que através da sua obra *Mulheres, Raça e classe* (2016) analisa o caminho percorrido sobre a mulher no período da escravidão até ela alcançar alguns de seus direitos como o voto, por exemplo. Davis trata sobre esse processo histórico para que seja compreendida a luta das mulheres diante do racismo e sexismo. Além dessas autoras também se tomou como base teórica artigos e outras obras que contribuíram na discussão da temática em foco, um trabalho que agrega na vida de todos que forem ler, pois é necessário falar sobre as principais questões sociais que ainda repercutem diante da sociedade.

## BREVE HISTÓRIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL: DA ESCRAVIDÃO AOS DIAS ATUAIS

É assombroso ainda no século XXI se ver colocados em prática estereótipos criados durante a escravidão. Os negros, além de serem as vítimas desses estereótipos também são considerados os vilões da história como se pode ver em inúmeras situações cotidianas brasileiras. Contudo, apesar de todo esse processo de violência, física, verbal e simbólica, os negros sempre resistiram contra os opressores e toda forma de opressão, lutando principalmente para que a sua história não seja unilateral, conhecida somente através da versão contada pelo homem branco.

O livro *O perigo de uma história única* Chimamanda Ngozi (2009) relata, principalmente sobre essa história unilateral. A autora mostra como é importante conhecer sempre os dois lados, pois a história única cria estereótipos, fazendo com que a história seja conhecida apenas por um lado. Por isso é necessário quebrar a visão de que apenas uma história é válida. Um exemplo disso está na história da invasão dos portugueses em terras que já eram habitadas por povos com suas próprias culturas e hábitos o que contradiz a história única de que a colonização feita pelo homem branco foi um ato heroico no Brasil:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2009, p.32).

Como a autora bem coloca, ainda é possível reparar essa dignidade despedaçada dando voz aos povos que foram afetados e não deixando que apenas a história contada pela versão dos homens brancos seja tida como verdade máxima e incontestável. Pois além da história única os discursos oficiais, há outra que pode ser contada pelos oprimidos também, obtendo a sua versão e assim compreender o outro lado da história que foi silenciado e apagado por muito tempo. Nessa perspectiva, abordar sobre a historicidade da mulher durante a escravidão é uma resistência contra a história unilateral que silenciou por muito tempo a voz da mulher negra. Através disso é importante compreender historicamente como as mulheres eram tratadas no período da escravidão para se compreender a condição da mulher negra no presente:

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos dos que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatiza o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias (DAVIS, 2016, p.17-18).

É explícito a forma como as mulheres negras eram submetidas ao trabalho escravo da mesma forma que o homem negro. Pode-se até dizer que a mulher era tratada de forma igualitária nesse fator, porém as mulheres sofriam muito mais do que os homens, pelo fato de sofrerem abuso sexual. Ou seja, além de serem exploradas pela sua mão de obra escrava, elas ainda eram exploradas sexualmente e tratadas de forma desumana como é posto pela autora:

Como as mulheres, as escravas também eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas (DAVIS, 2016, p.20).

É visto que a condição da mulher negra era deplorável, porém elas sempre resistiram e até hoje estão resistindo contra esse sistema opressor, lutando por seu direito à voz, em especial na literatura.

É importante lembrar que os discursos oficiais foram produzidos por homens e nesses discursos a capacidade da mulher negra sempre foi vista pela sua sexualidade, beleza, sedução e jamais por sua intelectualidade. Sendo assim:

[...] a combinação de racismo e sexismo perpetuam violências silenciosas que agem historicamente, desenhando o campo intelectual como um *não lugar* para as mulheres negras. O lugar social naturalizado da mulher negra está relacionado ao trabalho doméstico e sexual, imbricado também pela ideia de incapacidade intelectual. (ALMEIDA, 2020, p.41)

A construção da figura da mulher negra gira em torno dos estereótipos sociais estruturais criados durante o período da escravidão, onde a mulher negra não está inclusa no campo intelectual, pois sua figura é ligada relativamente ao seu passado histórico, sendo vista apenas como doméstica e objeto sexual. O reflexo dessa imagem construída ainda se mantém viva em meio a sociedade racista e sexista.

[...] nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os suplicou. (RIBEIRO, 2006, p.108).

É urgente compreender e lutar para mudar esse cenário triste e deplorável, criado pelo dominador, sendo o homem branco, pois ainda hoje a desvalorização da mulher, a desigualdade, o racismo e o sexismo são dados gritantes, como foi mostrado pelo artigo *Retrato das Desigualdades Gênero e Raça*:

Como mostra a pesquisa, hoje, no Brasil, 21% das mulheres negras são empregadas domésticas e apenas 23% delas têm Carteira de Trabalho assinada – contra 12,5% das mulheres brancas que são empregadas domésticas, sendo que 30% delas têm registro em Carteira de Trabalho. Outro dado alarmante é que 46,27% das mulheres negras nunca passaram por um exame clínico de mama – contra 28,73% de mulheres brancas

que também nunca passaram pelo exame. Tanto mulheres negras quanto brancas que estão no mercado de trabalho têm escolaridade maior que a dos homens. Porém, isso não se reflete nos salários. A renda média mensal das mulheres negras no Brasil, segundo a última Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, do IBGE (PNAD 2003), é de R\$ 279,70 – contra R\$ 554,60 para mulheres brancas, R\$428,30 para homens negros e R\$ 931,10 para homens brancos. ([s.d], p.03) (disponível em: <https://ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>)

Percebe-se através dos dados o quanto a desigualdade é alarmante; é como se os gritos fossem mudos, pois mulheres com mais estudos que os homens recebem um salário inferior simplesmente por ser mulher, e as mulheres negras sempre estão no último lugar na hierarquia ganhando muito menos que uma mulher branca. A mulher negra não obtém nenhuma oportunidade de trabalho para que cresça profissionalmente, pois as oportunidades são sempre voltadas para o trabalho doméstico, para serem lavadeiras, cozinheiras e serventes. Segundo Sueli Carneiro:

As mulheres negras brasileiras compõem, em grande parte, o contingente de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos (2011, p.129).

Apesar dos dados serem visíveis a todos da sociedade, ainda existe muito o “achismo”, pois as pessoas pensam que não existe tanta injustiça enquanto a desigualdade de gênero, mas o sexismo é nítido e o mundo é dominado pelo machismo como mostra Ribeiro (2018):

A pessoa achar que o machismo não existe não muda o fato de que a cada cinco minutos uma mulher é agredida no Brasil segundo o mesmo Mapa da Violência. São mulheres sendo mortas pelo simples fato de serem mulheres. Ser crítico é uma coisa, desonestidade intelectual é outra, e é absolutamente impossível debater com inverdades. Além de mostrar um claro desrespeito com quem pesquisa, milita e vivencia as opressões na pele (p.34).

A violência doméstica é um dos principais problemas no Brasil, a cada cinco minutos uma mulher é agredida, sem contar que suas mortes são causadas principalmente por serem mulheres. Para a sociedade patriarcal não basta apenas as mulheres sofrerem com o sexismo, é necessário que estejam presas eternamente ao mundo da escravidão, onde o homem predomina e elas tem que o servir, sendo sempre inferiores e sofrendo com o machismo e sem sua liberdade, a corrente dos dias atuais são todos os estereótipos e opressões causadas na vida das mulheres. Diante desse exposto, pode-se dizer que a escravidão é a forma de como as mulheres são tratadas diante da sociedade dominante em que muitas sofrem exploração de trabalho doméstico, ganhando o mínimo, como é mostrado por Carneiro (2011):

Quando empregadas, as mulheres negras ganham em média metade do que ganham as mulheres brancas e quatro vezes menos do que os homens brancos. As mesmas fontes governamentais já citadas demonstram o tamanho das desigualdades. O rendimento médio nacional entre negros e brancos em salários mínimos assim se distribui: o homem branco ganha 6,3 salários mínimos; a mulher branca, 3,6; o homem negro 2,9; a mulher negra, 1,7 (p.129).

Sendo assim, a mulher negra sempre está em último lugar no pódio da sociedade, sendo sempre a inferior em todos os sentidos. Desta forma, as correntes não são mais de ferros agora são camufladas, pois acorrentam suas almas, degradam suas imagens, afetam sua autoestima, tiram sua liberdade e oportunidade de uma vida melhor. O patriarcado tira desta mulher o seu direito de se sentir parte da sociedade, fragilizando a sua própria identidade cultural e a violência é o pior inimigo das mulheres, pois elas são vulneráveis aos homens, ao sistema opressor e a uma sociedade que a julga. É perceptível, nesse contexto, que a mulher branca sofre sim, porém a mulher negra sofre duas vezes mais, simplesmente por ser negra:

O alto índice de feminicídio de mulheres negras, a constatação de que as mulheres negras ainda são a maioria no trabalho doméstico e terceirizado e tantos outros exemplos. O fato de ocuparem lugares de maior vulnerabilidade faz com que certas medidas consideradas retrógradas atinjam esse grupo de maneira mais acintosa. A reforma da Previdência, que Caminha no Congresso sob a forma da Proposta de Emenda Constitucional número 287, prevê aumentar o tempo de contribuição para 25 anos e a idade mínima para 65 anos para as mulheres (RIBEIRO, 2019, p.64-65).

Todas as mulheres sofrem diante das opressões, mas o índice mais alto de feminicídio é das mulheres negras que são mortas por simplesmente serem negras, tratadas como se fossem apenas um objeto a ser explorado, sua mão de obra é desvalorizada e sem os seus direitos estabelecidos, cada dia sendo mais humilhada pela sociedade machista dominante e elas continuam sendo moldadas para serem as responsáveis pela criação de seus filhos e pelo trabalho doméstico.

É através da literatura que grande parte das mulheres negras conseguiu resistir sob o domínio do opressor, apesar dos fatos históricos e do silenciamento de suas vozes, principalmente das mulheres negras. Muitas obras foram perdidas por conta do apagamento da figura negra na literatura, mas uma importante obra intitulada *Quarto de Despejo* (2001) da autora Carolina Maria de Jesus mostra essa realidade da desigualdade social e de gênero, de tal modo que a fala da escritora já desperta uma autonomia em um mundo dominado pelo patriarcalismo.

## BREVE HISTÓRICO SOBRE O FEMINISMO NEGRO

Em uma sociedade machista e opressora em que os donos do poder são do sexo masculino, em um mundo dividido entre o dominador e a mulher submissa sem ninguém para defender seus direitos e sua classe, pela necessidade e pela dor, surge o grito feminino, um grito de esperança e de liberdade. Antes mesmo de ter um conceito do que é o feminismo, as mulheres insatisfeitas com tantas desigualdades, sem obter sua liberdade e ser dominada pelo homem, começam a pensar em como mudar essa realidade:

Antes das aulas de Estudos das mulheres, antes da literatura feminista, mulheres individuais aprendiam sobre o feminismo em grupos. As mulheres naqueles grupos foram as primeiras que começaram a criar uma teoria feminista que incluíam tanto análise do sexismo quanto estratégias para desafiar o patriarcado e novos modelos e interação social (HOOKS, 1952, p.41).

No Brasil, desafiar o patriarcado era para essas mulheres como se elas estivessem cavando sua própria cova, pois o poder era pertencente somente aos homens e as mulheres não tinham voz e nem vez. Diante disso, foi necessário tomar uma iniciativa para mudar aquela realidade, lutando principalmente pelo seu direito de voto e à vida pública que somente era concedido aos homens. Nesse contexto nasceu a Federação Brasileira com o objetivo de lutar pelos direitos das mulheres, como é posto por Djamilia Ribeiro:

No Brasil, o movimento feminista teve início no século XIX com o que chamamos de primeira onda. Nela, que tem como grande nome Níssia Floresta, as reivindicações eram voltadas a assuntos como o direito ao voto e à vida pública. Assim, em 1922 nasceu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e pelo direito ao trabalho sem necessidade de autorização do marido. (2018, p.45)

É importante frisar que durante o sufrágio feminino, a luta foi pelos direitos das mulheres, porém foi visível a distinção entre as mulheres brancas e negras, visto que as mulheres brancas possuíam mais visibilidade do que a negra. Ser “Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino”. (DAVIS, 2016, p.146). De certo modo, a reivindicação sob o direito de voto trouxe muito mais espaço para a mulher, pois através dele ela pode também cobrar melhores condições de trabalho e um salário maior:

Sufrágio feminino poderia servir como uma arma poderosa na luta de classes. Depois que o trágico incêndio da empresa Triangle Shirtwaister, em Nova York, tirou a vida de 146 mulheres, a necessidade de uma legislação que proibisse condições e trabalho insalubres para as mulheres se tornou drasticamente óbvia. Em outras palavras, as trabalhadoras precisavam do voto a fim de garantir sua sobrevivência (DAVIS, 2016, p.148).

Vidas foram perdidas para gerar melhorias para a mulher e o sufrágio feminino serviu

como um braço direito para a luta das classes de mulheres trabalhadoras, principalmente para as mulheres negras, pois “Dos 8 milhões de mulheres que integravam a força de trabalho na primeira década do século XX, mais de 2 milhões eram negras. Na condição de mulheres que sofriam com a combinação das restrições de sexo, raça e classe, elas tinham um poderoso argumento pelo direito do voto”. (DAVIS, 2016, 149).

O direito ao voto foi um dos pontos de inicialização da luta das mulheres e crucial para começarem a quebrar a máscara do silenciamento, visto que as mulheres sempre foram diminuídas no mercado de trabalho e também vistas apenas como objeto sexual e não pela sua intelectualidade. Suas produções na literatura, é importante frisar, não eram valorizadas, por isso elas usavam sempre um pseudônimo para que seus textos fossem publicados, pois somente os homens eram considerados inteligentes o suficiente para escrever um livro e publicar para a sociedade como é posto por Bell Hooks:

Produzir um *corpus* de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo. Em todas as esferas das escritas literárias e da bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebido pouca ou nenhuma atenção, uma consequência da discriminação de gênero. Notavelmente, quando o movimento feminista expôs preconceitos na composição de currículos, muitos desses trabalhos foram esquecidos e ignorados foram redescobertos. (1952, p. 42).

Assim sendo, é perceptível o apagamento da figura da mulher na literatura, principalmente das mulheres negras que foram colonizadas e escravizadas e tiveram suas identidades destruídas por estereótipos impregnados pela sociedade patriarcal, pois “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outro ponto”. (RIBEIRO, 2019, p. 124). A única visibilidade da mulher negra é sobre os índices de baixa escolaridade, pobreza, mãe de família e vista apenas como objeto sexual. Assim, por mais que a mulher branca seja desvalorizada, a negra sofre mais:

A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto. Segundo o mapa da Violência de 2015<sup>21</sup>, aumentou em 54, 8% o assassinato de mulheres negras, ao passo que o de mulheres brancas diminuiu em 9,6%. Esse aumento alarmante nos mostra a falta de um olhar étnico-racial no momento de se pensar políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres negras. O “mulheres” aqui, atingiu, majoritariamente, mulheres brancas (RIBEIRO, 2019, p. 41)

Não é sobre falar apenas da mulher, mas também salientar as lutas das classes das mulheres. É visível o quanto é difícil ser mulher, principalmente quando se é negra e se vive em um mundo onde o patriarcalismo domina. É preciso, portanto, dar espaço para quem teve voz e foi silenciada, por isso a história precisa ser contada pelo oprimido.

Em o livro *Que tem medo do feminismo negro?*, a autora Djamila (2018) coloca a questão de por que se tem a compreensão com quem está oprimindo e não com quem está sendo oprimido? E, de fato, a sociedade em si silencia a dor dos oprimidos, pois não é a sua dor, minimizando a relevância do racismo e sexismo que afetam os negros. É preciso pensar,

[...] quantas vezes fiz um discurso lindo contra o racismo, mas silencieei uma mulher negra que tinha mais legitimidade para falar do tema que a atinge? Quantas vezes denunciei o preconceito, mas romantizei a relação com minha empregada negra? O que me parece que muitos só querem o título se estiverem sob holofotes. (RIBEIRO, 2018, p.84)

Segundo Ribeiro (2018) o feminismo negro ganha visibilidade somente a partir da segunda onda do feminismo, entre 1960 e 1980, por conta da fundação National Black Feminist, nos Estados Unidos, em 1953 e apenas por feministas negras começarem a escrever sobre o tema, criando uma literatura feminina negra. No Brasil, por sua vez, o feminismo começou ganhar força nos anos de 1980 e foi necessário criar uma teoria feminista negra que falasse sobre os direitos e da triste situação das mulheres negras diante da sociedade com a consciência de que:

O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz representação às especificidades existentes no ser mulher. Se o objeto é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários (RIBEIRO, 2018, p. 47).

Como foi dito antes, “mulheres brancas são discriminadas por serem mulheres, mas privilegiadas estruturalmente por serem brancas” (RIBEIRO, 2019, p.34). Diante disso é necessário haver a interseccionalidade e a luta não deve ser somente por uma causa, é preciso existir o cruzamento de uma causa pela outra em que todos lutem pelos interesses de todos.

## **ANALISAR A REPRESENTAÇÃO E AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO* DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

A literatura está para mostrar o outro lado da história, apesar de muito tempo ser um espaço somente para a escrita masculina, tornando-se um campo de batalha entre homens e mulheres, silenciando assim os trabalhos realizados por mulheres, como afirma Bell Hooks: “Em todas as esferas da escrita literária e da bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebidos pouca ou nenhuma atenção, uma consequência da discriminação do gênero”. (2020, p.42)

O livro de *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus é um grande exemplo na literatura Brasileira, de autoria de uma mãe solteira e negra, em que as possibilidades de se tornar escritora era quase impossível, principalmente pela exclusão do sistema patriarcal. Até porque “[...] mais do que qualquer grupo de mulheres nessa sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. (HOOKS, 1995, p. 469).

Escrever para a autora era uma arte, uma forma de fugir de uma realidade que ela queria esquecer por alguns minutos, por isso ela criava um mundo imaginário em sua mente que jamais iria ser realizado, pois segundo Jesus “As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários”. (2001, p.52). O excerto da obra mostra que através da sua escrita era idealizado um mundo cheio de fantasias, sem desigualdade social e gênero e em alguns momentos a autora deixa explícito que suas esperanças estavam morrendo de viver em mundo melhor: “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?” (JESUS, 2001, p.29):

Carolina busca retratar em sua citação acima seus questionamentos e comparações de por qual motivo ela deveria viver em um mundo desigual? Será que os pobres de outros países são tão sofridos como o do Brasil? Ela repassa uma certa aflição a vida que está vivendo, uma vida sofrida, onde todos os dias ela tem que lutar contra a fome, contra a desigualdade. E o que ela apenas queria era um cenário diferente para apresentar a seus filhos, mas tinha dias que sua esperança se perdia em meio a tanta tristeza. Através de sua escrita, a autora procura sempre estabelecer os pontos que mais a atormentava, pois ela não aceitava tanto descaso feito dos políticos com a população da favela, através disso é:

Necessário pontuar sobre o valor da escrita para Carolina, que consciente de sua posição de desigualdade, questionava políticos em seu diário, questionava se em outros países haveria tamanha pobreza e miséria, questionava se algum dia seus filhos veriam mudança no cenário...Os questionamentos da autora eram tantos que nota-se a sua falta de esperança em ela mesma perceber qualquer mudança enquanto viva. Detinha em si verdadeira noção de sua posição social, relatando que ali mesmo, onde ela vivia, era o despejo humano da cidade. (Oliveira & Neto, [2018?], p.03). (Disponível em: <https://www.2018.congressohistoriajatai.org>)

Assim sendo, Carolina sempre pontua suas inúmeras indignações contra o sistema opressor, ciente que uma mulher preta como ela nunca será valorizada em meio a situação crítica de um Brasil desigual. Em *Quarto de despejo* autora situa que os políticos têm medo que os oprimidos tenham voz, pois sabem que eles vão denunciar a desigualdade e o descaso, por isso ela dizia: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido”. (JESUS, 2001, p.35)

Em *Quarto de despejo* é retratada a condição humana dos miseráveis. Segundo

Jesus (2001), quando ela não tinha o que comer, ao invés de xingar, escrevia. É importante ressaltar o quanto Carolina foi uma mulher à frente do seu tempo não apenas por ser uma das primeiras escritoras negras no Brasil, mas por ser uma mulher independente que sustentava seus filhos sozinha, como é visto em sua obra:

(...) A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas os filhos são os bodes expiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade” (JESUS, 2001, p. 14).

Sendo uma mulher solteira, Carolina era julgada pela sociedade por criar seus filhos sozinha, mas nada disso importava para a ela. Ser uma mulher independente foi sua escolha. A autora observava as vivências das mulheres com seus maridos na favela, as violências domésticas, as subordinações que elas eram obrigadas a aceitarem e isso Carolina não aceitava para ela, pois sempre constituiu um espírito livre para fazer o que quisesse e sempre lutou para levar o sustento para seus filhos como se pode ver no trecho abaixo:

Os meus filhos não são sustentados com pão da igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposo quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 2001, p.14)

Carolina sempre recebeu diversos convites para se casar, porém como é propriamente dito por ela, as condições eram horríveis, envolvendo principalmente o que mais ela gostava de fazer que era ler e escrever. É nítido que se ela casasse iria ter que deixar de escrever, pois na lógica patriarcal, a mulher deve cuidar apenas do lar e deixar de lado o que gosta de fazer:

[...] O senhor Emanuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta cedo para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que prefiro viver só para o meu ideal [...]. (JESUS, 2001, p.44)

A fala da escritora denota uma autonomia em relação a um mundo dominado pelo patriarcalismo, pois ela sempre colocava as suas vontades em primeiro lugar. Pode-se ver que o feminismo negro é representado nessa autorrepresentação da imagem em que a autora transcende em sua obra, por meio da auto representação de uma mulher que apesar da falta de estudo sempre gostou de ler. E, embora todas as dificuldades, ela não se deixou levar pelo pensamento machista da sociedade, pois vários homens ofereceram coisas em

troca da sua companhia, mas por ela ter um pensamento diferente, sempre buscou sua autonomia, mesmo em meio a tantas dificuldades:

Muito embora Carolina tivesse a noção de que não precisasse de um marido, especialmente pelas constantes agressões sofridas por mulheres faveladas no âmbito doméstico, a escritora sabia que haviam preconceitos que a aviltavam por esse fator. Não somente não se abatia, como também se mostrava orgulhosa de si pela independência com que criava seus filhos. (OLIVEIRA & NETO,[2018?],p.11) (Disponível em: <https://www.2018.congressohistoriaj>)

Os preconceitos contra Carolina eram evidentes, principalmente porque ela gostava de ler e escrever e por não seguir o padrão imposto pela sociedade. E, embora sua escrita fosse utilizada por alguns donos de circos, ela nunca recebeu visibilidade por ser mulher e negra como se pode ver no trecho seguinte: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta” (JESUS, p.58, 2001). Era essa a realidade de Carolina: ser excluída da sociedade por não possuir um “padrão” de escritora e porque ninguém imaginava uma negra favelada com a capacidade intelectual de produzir algo relevante para a sociedade. “Imaginem o constante desconforto de se querer escritor, ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é “muita pretensão”. (DALCASTAGNE, p.15, 2012).

Quantas Carolinas foram silenciadas pelo mundo e quantas obras foram perdidas? Quantos relatos e histórias foram destruídos? Para o patriarcalismo a mulher não tem capacidade intelectual. Por isso, segundo a concepção patriarcal, é inaceitável uma mulher, favelada, negra e semianalfabeta ser escritora. Afinal, o que uma negra e favelada pode ensinar para os opressores? Na visão patriarcal, nada, por isso “Todo esse contexto de exclusão de Carolina dentro da literatura parte também de uma academia que restringe as margens e suas representações, especificamente tratando-se de uma escritora semianalfabeta”. (OLIVEIRA & NETO, [2018?] p.04)

Mulheres eram invisibilizadas na literatura e isso se dava em decorrência do patriarcalismo, pois até então mulheres não estavam no “padrão” de escritor, ou melhor, o padrão estabelecido para o homem que sempre foi considerado o único com capacidade intelectual. Mas Carolina quebra esse padrão e ensina muito mais do que o opressor imagina.

Diante de todo esse contexto de opressão e discriminação da mulher, foi necessário que o feminismo fosse criado para representar as lutas de muitas mulheres que perderam suas vidas, lutando pela sua valorização, por um espaço no mundo acadêmico, para que não fossem vistas apenas como objeto sexual ou somente como doméstica.

Carolina foi uma mulher diferente das demais na favela e isso talvez se deva por ela ter sido leitora o que a oportunizou ter um pensamento crítico diante da situação que

vivenciava. Para Oliveira & Neto:

São justamente os outros marcadores que afastam Carolina de outras mulheres, mesmo que essas também sejam habitantes da favela, mesmo que essas também estejam sujeitas às opressões diárias que as envolvem acerca da classe e do gênero. Reconhecer, assim, que Carolina, como mulher, negra e pobre existindo no contexto desenvolvimentista e lutando para sua própria sobrevivência, abrange todo o descaso estatal com a marginalização de grupos excluídos é compreender o motivo pelo qual Carolina fora invisibilizada durante o período ditatorial e também compreender o motivo pelo qual Carolina é resgatada atualmente, tanto pelo feminismo interseccional quanto pelo próprio feminismo negro. ([2018?], p.12) (disponível em: <https://www.2018.congressohistoriajatai.org>)

É justamente nessa perspectiva que é para ser desenvolvido e aplicado o feminismo, pois Carolina mostrou-se uma mulher muito à frente do seu tempo. Ela foi uma visionária, sempre lutando por seus direitos e mesmo sabendo que talvez seus diários fossem valorizados no Brasil, ela nunca desistiu “Os editores do Brasil não imprime meu livro porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso vou enviar meus livros para os Estados Unidos (...)” (JESUS, 2021, p.117). Carolina, apesar de todos os obstáculos, persistiu até o fim, lutando contra esse sistema excludente da mulher.

A sua representação enquanto escritora e mulher é, portanto, de grande importância, e o seu livro *Quarto de despejo* não foi desenvolvido apenas para ser esquecido, pois Carolina tinha um sonho de se tornar escritora e de mostrar para seus filhos uma nova perspectiva de vida. E foi alimentando esse sonho que ela conseguiu vencer todas as tribulações da favela. Carolina assim dizia: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 2011, p.33).

Apesar de todos os tipos de opressões, Carolina sempre teve orgulho de ser quem era: negra, com cabelo rústico; uma mulher batalhadora, lutando contra o mundo todo em busca de igualdade.

Quando era julgada pela sua cor, ela sempre rebatia dizendo o quanto adorava ser negra: “Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. (...) Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta”. (JESUS, 2011, p.58).

Ao invés de se lamentar, Carolina mostra que apesar de tudo que sofreu por ser negra, jamais quis mudar a sua cor e mesmo com uma escrita simples, o seu livro tem muito a ensinar e contribuir para as lutas contra o machismo, sexismo, racismo e bem como contribuir com o movimento feminista, pois ela foi uma mulher à frente do seu tempo que

lutou até o fim para criar seus filhos sozinha e pelos seus sonhos. Carolina preferiu ficar sozinha para poder escrever em paz.

A grandeza e a importância política e social de *Quarto de despejo* mostram o quanto Maria Carolina de Jesus tem a ensinar sobre ser mulher negra em um país hegemonicamente machista, preconceituoso que ainda em pleno Século XXI não se assume mestiço nem tampouco reconhece a importância das mulheres negras na construção histórica e cultural do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto, a obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus mostra o quanto a miséria é presente no Brasil e principalmente o quanto a mulher negra teve e continua tendo que lutar para conseguir um espaço na literatura e no mundo. O ato de escrever abriu portas que jamais seriam abertas para a autora e a censura e a invisibilidade de sua obra mostra o quanto ainda existe o racismo e sexismo no Brasil. Ao escrever, Carolina idealizava um mundo de fantasias para que pudesse por um segundo fugir de sua realidade. Pela escrita, o autor cria um mundo interno mesmo que não possa ser realizado, mas por um segundo é vivido inconscientemente o que ele deseja.

A história de Carolina é semelhante a tantas outras mulheres negras em que as oportunidades são fechadas com cadeados tão difíceis de serem quebrados em meio a um mundo com tantas desigualdades sociais reforçadas pela dor da cor, pela dor de não poder oferecer um mundo melhor para seus filhos por simplesmente estar destinada a viver na miséria. Carolina foi inspiração para muitas escritoras negras como Conceição Evaristo cuja história é parecida com a da autora de *Quarto de despejo*. Evaristo inspirou-se em Carolina para continuar a sua escrita, a sua luta, a sua “Escrevivência”, um termo adotado pela autora, pois as suas obras são escrevivências de mulheres negras que sofrem violência doméstica, que lutam pelo seu sustento, que são criadas por mãe solteiras.

Para mudar esse cenário de preconceito, discriminação e violência contra a mulher negra muito ainda precisa ser feito. Um dos passos a ser dado, é começar a valorizá-las como escritoras, deixando-as saírem de traz das cortinas dos palcos para que elas mesmas contem suas histórias. É preciso dar visibilidade para quem sempre foi invisibilizado, pois somente após essa conscientização e equidade o mundo pode se tornar justo, não deixando que mais Carolinas sejam apagadas, perdidas e não resgatadas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.L. **Em legítima defesa: a escrita feminina negra como enfrentamento e transgressão**, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias>> acesso em: 12 de setembro de 2021.

ADICHIE, C.N. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2009.

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. tradução Christina Baum. – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

**Brasil retrato das desigualdades Gênero e raça**: disponível em: <https://ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>> acesso em: 20 de setembro de 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdades sociais**. – São Paulo: Selo Negro, 2011. – (Consciência em debate/coordenadora Vera Lúcia Benedito).

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. tradução Heci Regina Candiani. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**, 2012. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>> acesso em: 10 de agosto de 2021.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo o mundo: políticas arrebatadoras**. tradução Bhuvi Libanio. – 13ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos,2020.

**Intelectuais Negras**. Estudos Feministas, v.3, n.2 p.469. jan. 1995.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8ªed. – São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, M.D.; NETO, M.R: **Gênero e suas intersecções: uma análise de “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus (1960)**, [2018?] Disponível em: <https://www.2018.congressohistoriajatai.org>> acesso em 15 de novembro de 2021

RIBEIRO, Djamilia. **Quem tem medo do feminismo negro?** – 1ªed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno Manual antirracista**. – 1ªed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2019.f



# LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)